

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO DO LIVRO ETERNO VIAJANTE, DE SÉRGIO FRANCLIM, PRONUNCIADO POR JOAQUIM MENDES NO DIA 4 DE JUNHO DE 2010 NA CASA DA CULTURA DE MIRA SINTRA.

É com honra e muita satisfação que me associo hoje ao lançamento de mais uma obra do meu colega e amigo Sérgio Franclim.

Apesar da sua juventude, aqui temos ETERNO VIAJANTE, o seu quinto livro de poesia, depois de ESPÍRITO INFINITO, OS MONTES DA GLÓRIA, CLAUSTRO DE SONHOS e OS DOIS CORVOS DE ODIN.

Eterno Viajante surge sob a chancela da editora Ministério dos Livros e com o apoio da Junta de Freguesia de Mira-Sintra.

O autor tem assinado as suas obras quer como Sérgio Franclim, quer como S. Franclim, quer ainda como Sérgio Sousa-Rodrigues, além de ter publicado anonimamente uma outra obra. Quem é Sérgio Franclim?

Tem 31 anos de idade, é natural de Lisboa, reside no concelho de Sintra, é casado e pai recentíssimo. Profissionalmente é professor.

Em 1999, conclui a licenciatura em Estudos Portugueses, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e é precisamente nesse mesmo ano de 1999 que se estreia como autor e como poeta publicado através do seu livro *Espírito Infinito*.

Daí para cá a sua obra continua sendo sucessivamente aumentada, e expandidas as áreas de intervenção, tendo já publicados, além dos já referidos cinco títulos de poesia, sete livros de ensaios, três de ficção e um de teatro, a que ainda se junta um outro título – *D'O Encoberto ou o Livro de D. Sebastião* –, publicado por ocasião da passagem dos 450 anos após o nascimento de D. Sebastião, livro que o nosso autor não integra em nenhum dos géneros a que pertencem as suas restantes obras, sendo este o tal livro que foi publicado anonimamente.

No presente ano de 2010, Sérgio Franclim iniciou a publicação de uma colecção juvenil de livros de aventuras, que tem como objectivo dar a conhecer a História de Portugal aos mais jovens.

Literariamente, Sérgio Franclim declara-se influenciado por Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa, e pelo Fernando Pessoa esotérico e místico. Também inclui nos seus autores preferidos, os nomes do poeta Carlos Queirós, de Almeida Garrett, de Alexandre Herculano, e ainda os de Shelley e Keats.

A uma simples leitura dos títulos da sua multifacetada obra, é óbvio e nítido o seu gosto e apetência pelos mundos do esoterismo, do misticismo, da mitologia, da magia, do

mistério. Senão vejamos, apenas como exemplos: *O Último Maçon*, (Ficção, de 2003); *O Sonho do Portugal Templário* (Ensaio, de 2004); *Os Dois Corvos de Odin* (Poesia, de 2005).

Segundo o autor referiu, em entrevista concedida em 2005, a sua obra mais recente é sempre a sua obra preferida, pelo que, a manter-se fiel ao que disse, *Eterno Viajante*, o livro que hoje apresentamos, é portanto o seu livro preferido.

Na capa do livro é-nos oferecida uma reprodução de “O viajante sobre o mar de névoa”, pintura de 1818, da autoria do pintor e gravurista romântico alemão Caspar David Friedrich. Bem ao gosto romântico, a larga paisagem encoberta por um mar de névoa, que se estende aos pés de uma figura masculina, de costas voltadas para nós e vestida de negro, é o prenúncio e a assunção do conteúdo deste livro: promete-se viajar através de uma paisagem que não é para os olhos do corpo, mas sim para os olhos da alma; uma viagem ao mais íntimo e profundo de nós próprios, cujo meio de transporte ideal é o sonho e o bilhete de ingresso o simbolismo contido nas palavras.

No Prefácio de *Eterno Viajante*, Sérgio Franclim informa-nos, expressamente, que este livro (e passo a citar) “surge como o cemitério do que escrevi até hoje”, ou seja, quando entramos na leitura do livro, temos perante os nossos olhos trinta e três monumentos, talvez fúnebres, devidamente numerados, tantos quantos são os poemas que constituem o volume. E se o simbolismo, como poderemos ver mais adiante, está presente nas palavras que emprega, ei-lo também na arquitectura do próprio livro.

São trinta e três os poemas inseridos no volume, e este número representa uma marca da intencionalidade simbólica do poeta. O três é, genericamente e desde sempre, um símbolo da perfeição, perfeição essa recriada em muitas situações, lembremos, como exemplos, entre muitos outros que aqui poderiam ser trazidos, no âmbito da religião cristã, a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito-Santo); nos contos de fadas, as muito habituais três provas por que tem de passar o herói; na cultura popular, a frase “À terceira é de vez”. Quanto ao número trinta e três, ele é o número dos anos da vida de Jesus; o número de cantos da *Divina Comédia*, de Dante; na Maçonaria, o trigésimo-terceiro grau da hierarquia, o último, atribuído ao principal responsável pelos destinos da Maçonaria – é o grau do guardião, do mestre e condutor da Maçonaria, ou seja, aquele que atingiu a perfeição.

Nesta linha de raciocínio, ao agrupar estes trinta e três poemas, o poeta pretende, e vou voltar a citar o Prefácio, “atingir o cerne da verdadeira poesia”. Será, pois, esse o destino da viagem a que Sérgio Franclim nos quer levar, enquanto veículo da inspiração, enquanto viajante eterno. Trata-se de um conjunto de poemas, diz-nos o autor, centrados numa viagem e num amor impossíveis, e é essa impossibilidade que, segundo ele, os faz verdadeiros. Ou seja, este princípio de que o que é impossível é o que é verdadeiro, está em

rota de colisão com uma visão materialista dos nossos tempos, de que só pode ser verdadeiro o que é possível, traduzindo-se o possível como o percepcionável.

Dos trinta e três poemas, vinte e dois apresentam-se datados, com dia, mês e ano, distribuindo-se estes pelos anos de 1998, 2005, 2006 e 2007.

A viagem começa com o poema “Viagem”. Ali, somos postos perante os preparativos para a viagem. No seu quarto, o eu do poema, rasga a cama, os quadros, as roupas, as malas, os móveis, as estantes e os livros. Num outro poema ler-se-á: “Para quê bijutarias do ter/Se o que sou é outra coisa diferente?”. Em suma, o eu despreza tudo aquilo que representa o mundo material e concreto, e estará pronto a partir assim que conseguir, apenas, e cito-o, “fechar os olhos e sonhar”.

O quarto, diversas vezes referido ao longo do livro, é por excelência o espaço íntimo, ideal para o isolamento e a reflexão, e o quanto basta para se efectuar esta viagem. Aliás, simbolicamente, no poema VI, “Partida Incessante”, é-nos dito que a partida se faz de um porto esquecido, sem companhia e sem destino.

“Sem Bilhete” é o título do segundo poema, e com ele ficamos a saber que a viagem encetada é uma viagem sem limites, sem controlo e sem amarras, que se faz sem bagagem e sem bilhete, num comboio vazio e atrasado, em constante fuga a um revisor, que, por sua vez, simboliza o nosso mundo material e concreto.

Sérgio Franclim, no poema XVI, “Embriaguez na Escola”, revela um pouco da sua faceta de professor e do conhecimento que tem sobre o que tem rodeado a escola actual. Relacionado com a formação académica do autor, no poema XIV, “Para Amanhã”, vemo-lo jogar com sentido da palavra “como”, pelo facto de ela pertencer a várias classes de palavras:

“Como cereais

(E este “como” não é advérbio nem conjunção).

Como, ensopando sonhos no leite;

(E o “como” de agora

Não é verbo, mas conjunção).

Em jeito de tributo à região onde reside há vários anos e que não raro lhe terá servido de fonte de inspiração, nos poemas XI “As Metafísicas Tabernas”; XIII, “Serra Encantada”; XXIV, De Sílvia (VII); XXVI, “Misteriosa Sintra”, evocam-se elementos paisagísticos concretos e monumentais do concelho de Sintra, como a Serra, o Castelo e o Palácio da Vila, ou puramente imaginários e abstractos, como as surpreendentes e fantásticas “metafísicas tabernas de Mira-Sintra”, em que o poeta diz preferir “um bêbado proclamando Camões/Do que um lúcido/Vivendo sem metafísica”.

Do conjunto de poemas do livro, evidencia-se a série de nove poemas cujo título é “De Sílvia”, e que se insere na viagem, pois através deles o autor busca o tal impossível e verdadeiro amor, a que se refere no Prefácio, como sendo também um dos motivos desta viagem.

Em toda esta vertiginosa viagem ao interior de si próprio, realizada nas asas do sonho e com a força da imaginação, o eu questiona-se de forma explícita sobre a sua identidade. Ora, numa viagem ao mais íntimo do nosso ser, é bem possível sentirmo-nos ultrapassar os nossos limites e, logo, sentirmo-nos outros, o que justifica a necessidade de nos questionarmos permanentemente sobre quem somos.

“Quem sou?” eis uma dúvida perturbadora. No poema X, “Ponto de Interrogação”, chega a chamar-se “ponto de perturbação” ao ponto de interrogação colocado na pergunta “Quem sou?”. A dúvida sobre a identidade torna-se óbvia, obrigatória, pois é ela que motiva a viagem e, depois, no decurso dela, ao atingirem-se novos horizontes interiores, permanece viva e recorrente. Ele parte, mergulhando em si, para voltar diferente do que seria se se deixasse engolir pelo previsível quotidiano.

Não se pense, pois, que por ser uma viagem toda ela feita de imaginação e à custa da imaginação, se trata de uma viagem sem riscos. Daí, o poeta, talvez como forma de se encorajar a si próprio, ir declarando nos poemas não ter medo de avançar nesta exploração das emoções. Por exemplo, no poema XXXI, com o título “ Um Pouco Mais Livre”, podemos ler:

“Não temo o Mundo – nada!
Persigo o sonho deitado ao mar
Por crianças que atravessaram o Infinito.
Navego, então, pelo desconhecido
E não temo a escuridão da minha alma.”

A possibilidade da eternidade – da vida para além da morte – é talvez a conclusão que o autor tirou desta viagem pelo mais recôndito de si próprio. Assim, no poema “Epitáfio”, último do livro, Sérgio Franchim diz-nos que: “Nada é maior do que a morte,/Que é apenas uma curta curva/Na larga e longa estrada da vida.”

Ora, vivendo nós num tempo em que para muitos viver é simplesmente juntar dias à vida, sem emoção e sem sensibilidade, os poemas de *Eterno Viajante* vêm sacudir-nos e mostrar-nos que a viagem da vida passa, fatalmente, pela exploração atenta do que há dentro de nós.

Muito obrigado